

A PROPOSTA DE FRANCHI: TEORIA GENERALIZADA DOS PAPÉIS
TEMÁTICOS*
(FRANCHI'S PROPOSAL : GENERALIZED THEORY OF THEMATIC ROLES)

Márcia CANÇADO
Carla MOREIRA
Eliuse SILVA
Márcia BERG

ABSTRACT: This paper presents some works on the Generalized Theory, which is a theory that incorporates thematic roles as part of the grammar. We take for granted that meaning can be structured, submitted to a systematic treatment, and as such, an autonomous level of a grammatical theory, just like the syntax.

KEYWORDS: Thematic Roles; Autonomy; Generalized Theory; Thematic Hierarchy

Este artigo tem como objetivo apresentar trabalhos desenvolvidos dentro do arcabouço teórico da Teoria Generalizada dos Papéis Temáticos. Essa teoria tem seus primeiros fundamentos no trabalho de Franchi (1975), tendo continuidade em Whitaker-Franchi (1989) e Cançado (1995). A partir desse ponto, Cançado desenvolve um trabalho em conjunto com Franchi, que tem como fruto várias publicações e orientações.

1. Arcabouço Teórico

Os pressupostos gerais dessa proposta são:

a.) Assume-se, com Jackendoff (1990), Chierchia (1989), de certo modo Dowty (1989), e outros, que o sentido das orações é estruturado e sujeito a um tratamento sistemático, constituindo um componente autônomo da teoria gramatical; assim como a sintaxe constitui um outro componente (Jackendoff, 1990).

b.) Autonomia, aqui, significa que a teoria é elaborada, em cada um desses componentes, com primitivos (categorias, relações e funções) e operações próprios, e que a teoria se formula em um sistema independente de princípios teóricos.

c.) Adota-se um princípio de projeção (Marantz, 1984) da representação semântica sobre a representação sintática e regras de correspondência (a hierarquia temática¹) entre essas duas representações (Jackendoff, 1990).

* Os participantes deste projeto recebem bolsa de Produtividade em Pesquisa do CNPq, bolsa de Doutorado da CAPES, e bolsa de Mestrado da FAPEMIG.

d.) Portanto, além de uma semântica referencial, tradicionalmente construída como uma semântica de valores de verdade, faz sentido se falar em uma semântica representacional, ou seja, uma semântica que lida com a estruturação das representações mentais das noções predicativas de agente, paciente, etc. (Franchi, 1975).

e.) E, finalmente, assume-se a noção de Predicação de Franchi (1997): "a Predicação (semântica) é, pois, uma relação de sentido entre duas expressões singulares ou, composicionalmente, entre expressões complexas (ou seja, determinada exclusivamente por propriedades semânticas de qualquer item lexical (N,V,A,P) e pela composição desses itens), correlata das operações construtivas que as combinam na derivação sintática. Um modo natural de expressar as conseqüências de sentido associadas ao argumento pela predicação é fazê-las corresponder aos papéis dos argumentos determinados por essa relação, os chamados papéis temáticos²."

Tomando, pois, todos esses pressupostos como o alicerce do nosso trabalho de pesquisa, mostraremos, a seguir, algumas das pesquisas específicas que compõem esse projeto. Os dois primeiros trabalhos a serem apresentados vão no sentido de concluir a construção do que chamamos de Hierarquia Temática, ou seja, o princípio que norteia a ligação entre a sintaxe e a semântica, atendo-se mais ao pressuposto (c). Trabalhos anteriores (ver Cançado, 2000) já estabelecem um princípio para construções que denotam ações/causações e afetações, ficando a cargo de Moreira (2000) o estabelecimento da hierarquia para as construções estativas e para Silva (dissertação em andamento) a construção da hierarquia para construções que denotam locações³. Um

¹ A Hierarquia Temática é um princípio que nos possibilita ordenar a estruturação sintática das sentenças em função das relações semânticas, ou seja, dada uma certa estruturação de um evento em termos de papéis temáticos, esse princípio diz "qual papel temático vai para qual posição sintática".

² Papéis temáticos são definidos pela teoria como sendo um conjunto de acarretamentos atribuídos a determinado argumento a partir da relação semântica de predicação entre esse argumento e o seu predicador, seja ele um item lexical ou a composição de itens lexicais. Por exemplo:

(i) *João* quebrou o vaso com um martelo.

O papel temático atribuído a *João* é o conjunto de acarretamentos da sentença atribuído a *João* pelo predicador complexo *quebrar um vaso com um martelo*. Ou seja, se é verdade que João quebra o vaso com um martelo, é necessariamente verdade que ele desencadeia um processo e tem controle sobre esse processo, sendo essas propriedades o que chamaremos de papel temático. Entretanto, para fins descritivos, podemos rotular esse grupo de propriedades, toda vez que ele ocorrer, como sendo agente. Mas é importante realçar que o que tem estatuto teórico no modelo

adotado são as propriedades acarretadas, e não rótulos como agente, experienciador, etc.

³ A partir de uma análise empírica, foi estabelecida a proeminência de determinadas propriedades semânticas sobre outras para a posição de sujeito. Chegou-se ao seguinte diagrama:

(i)	Controle
Desencadeamento de um processo	Afetação de um processo
	Estados

Qualquer papel que tenha a propriedade de controle tem proeminência sobre os demais e será localizado na posição do sujeito. Na ausência do controle temos a ocorrência dos desencadeadores ou dos afetados, conforme a perspectiva adotada. E os estados sempre serão os menos proeminentes na hierarquia. Entretanto, a hierarquia acima ainda não cobre uma parte de verbos em português que são os estritamente estativos e locativos, sendo esses os trabalhos de Moreira (2000) e Silva (em andamento).

terceiro trabalho, Berg (tese em andamento), pauta-se mais pelo pressuposto (e), tratando da atribuição de papéis temáticos pelas preposições.

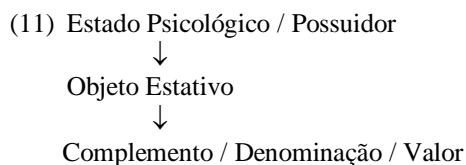
2. As construções Estativas (Moreira, 2000)

O estudo das construções estativas em Moreira (2000), primeiramente, vem reforçar a hipótese da relevância da semântica na estruturação sintática, ajudando na elaboração da Hierarquia Temática relacionada às sentenças que denotam estados, e, também, testando hipóteses relacionadas a restrições semânticas e construções passivas e ergativas. Além dessa contribuição teórica, esse trabalho apresenta uma ampla descrição das propriedades sintáticas e semânticas de construções estativas, trazendo assim uma contribuição para a descrição do português brasileiro.

Um primeiro passo foi estabelecer, descritivamente, os papéis temáticos encontrados nas construções consideradas estativas, que, segundo Cançado (1995), seriam caracterizadas como sendo construções que não acarretam o desencadeamento e nem a afetação do processo. Os papéis encontrados, e nomeados segundo Moreira, foram: Experienciador Estativo, Possuidor, Objeto Estativo, Denominação, Complemento, Valor, Semelhantes, Símbolo, Simbolizado, Todo, Partes, Precedente e Precedido. Eles foram exemplificados pelas sentenças (1) a (10).

- (1) Joana amou a festa. {Experienciador Estativo, Objeto Estativo}
- (2) Paulo possui vários carros antigos. {Possuidor, Objeto Estativo}
- (3) O moleque chamava-se Humberto. {Objeto Estativo, Denominação}
- (4) João precisa de dinheiro. {Objeto Estativo, Complemento}
- (5) O livro custa vinte reais. {Objeto Estativo, Valor}
- (6) A parede nivela com a cabeça da criança. {Semelhantes, Semelhantes}
- (7) A estátua da igreja figurava São José. { Símbolo, Simbolizado}
- (8) A prefeitura tem leis próprias. {Todo, Partes}
- (9) Os advogados integram a junta dos governadores. {Partes, Todo}
- (10) O teu silêncio precede nossas brigas. {Precedente, Precedido}

A partir, então, de uma análise empírica, foi construída a Hierarquia Temática. Podemos dizer, por exemplo, que em toda sentença que aparece um Experienciador e um Objeto Estativo, segundo as propriedades semânticas que compõem esses papéis, podemos estabelecer que o Experienciador é o privilegiado para a posição de sujeito e o Objeto Estativo para a posição de objeto. Seguindo esse procedimento nos dados analisados, um total de 111 sentenças (dados extraídos de Borba, 1990), pode-se estabelecer a seguinte hierarquia entre as propriedades encontradas nos papéis estativos:



Fogem dessa hierarquia, estabelecendo-se como construções que não obedecem ao princípio geral de ligação⁴ mas à uma regra específica, as seguintes relações:

(12)	Símbolo	Antecedente	Semelhantes	Todo
	↓	↓	↓↑ *	↓↑ **
	Simbolizado	Precedente	Semelhantes	Partes

* A orientação fica à escolha do falante

** A orientação depende do verbo

Também, testou-se nos dados a hipótese de Cançado (1995) sobre construções passivas: sentenças ativas que aceitam passivas têm acarretada para o seu sujeito a propriedade de [+controle]. Esperava-se, portanto, que as construções estativas, que normalmente não são associadas ao controle, não aceitassem passiva. Entretanto, não houve tal constatação. Em 33 construções estativas, 8 aceitaram a propriedade. Há, assim, uma tendência de construções estativas não aceitarem a propriedade passiva. Também, o que chamamos de relações foram analisadas separadamente por se comportarem de modo diferente. Pode-se observar a variação de aceitabilidade da passiva através das seguintes redes temáticas: {Semelhantes, Semelhantes} : não aceita passiva; {Todo, Partes}; tende a não aceitar passiva; {Partes, Todo} e {Precedente, Precedido}; aceitam passiva; {Símbolo, Simbolizado} apresentou-se bastante variável.

Quanto à hipótese de Whitaker-Franchi (1989) sobre o processo de ergativização - este só ocorre quando o argumento interno é um objeto afetado pelo processo - pode-se chegar a um resultado mais homogêneo. Como era esperado, a hipótese é confirmada, já que as construções estativas não apresentam argumentos internos que possuam a propriedade semântica de ser afetado pelo processo.

3. Predicadores Locativos (Silva, dissertação em andamento)

Como já foi realçado, o plano da locação ainda não foi amplamente estudado dentro da *Teoria Generalizada*. Assim, nossa pesquisa se volta para esse plano, tomando, como instrumento empírico, predicadores que envolvem noções locativas no português do Brasil. Por tais noções, entendemos predicadores que envolvem deslocamento espacial.

Dessa forma, em vista a corroborar a hipótese da autonomia do componente semântico numa teoria gramatical, buscamos estudar qual a relação entre a rede temática dos predicadores locativos e a estrutura sintática de sentenças que envolvem tais predicadores. Ou seja, como se constrói o princípio de ligação entre a sintaxe e a semântica, no plano da locação. Nesse âmbito, os objetivos propostos são: a) descrever amplamente as propriedades semânticas e sintáticas da classe de predicadores locativos; e b) traçar a hierarquia temática do plano da locação.

⁴ A noção de princípio usada neste quadro teórico não é tão forte quanto à noção gerativista; entenda-se mais como uma regra bastante geral

De algum modo, as construções locativas já foram analisadas em diferentes modelos teóricos que abordam as relações semânticas. Importantes trabalhos são os de Baker (1992), Levin e Rappaport Hovav (1992) e Moreira (2000), comentados aqui muito sucintamente.

Baker, num estudo sobre as construções aplicativas⁵ em línguas bantu, com foco nas locativas, privilegia a sintaxe como ponto central da estruturação das línguas, mantendo a semântica numa relação de dependência com a sintaxe. Já Levin e Rappaport Hovav estudam os verbos de movimento, na perspectiva da Hipótese da Inacusatividade⁶, propondo uma redistribuição dessa classe de verbos. Para isso, adotam, como critério, componentes de significado, que são lexicalizados no verbo em si, ou seja, o que é levado em conta na relação predicativa é o significado inerente ao verbo, não se considerando, pois, o significado de construções mais complexas. Quanto a Moreira (apresentada acima), ao analisar as construções estativas, aborda brevemente uma categoria de construções locativas, para mostrar a diferença entre ambas. Isso porque, existem construções locativas que possuem traço de estatividade.

Nossa estratégia de pesquisa é o estudo dos vários ambientes sintáticos e semânticos em que aparecem predicadores locativos, adotando, para isso, o critério da seleção argumental, bem como, o estudo da diátese verbal. Utilizamos, para a análise, nossa intuição de falante nativo, amparando-nos na metodologia gerativista. Todavia, quando há dúvida quanto à validade das sentenças, cotejamos os dados intuídos, com dados da documentação presente em Borba (1990) e/ou recorremos a outros falantes nativos.

O *corpus* foi extraído de um dicionário de verbos (Borba, 1990) e, depois, acrescido com exemplos próprios ou de um dicionário da língua portuguesa e a descrição das sentenças se deu segundo a rede temática apresentada através de acarretamentos. Como consequência desse estudo preliminar, reunimos os predicadores locativos em cinco grupos, dos quais, quatro se subdividem em A, para as sentenças que apresentam Locativo, e B, para as que apresentam Fonte/Meta. Utilizamos, para simplificação da análise, a nomenclatura tradicional dos papéis, apenas como etiquetas designativas dos conjuntos dos acarretamentos. Assim, apresentamos, abaixo, exemplos de cada classe:

- (12) Classe 1 A – {CAUSA, Objeto Deslocado, Locativo}
O ventilador espalhou os papéis pela mesa.
 Classe 1 B – {CAUSA, Objeto Deslocado, Fonte, Meta}
A seca expulsou os nordestinos de suas terras para a região sul.
 Classe 2 A – {AGENTE, Objeto Deslocado, Locativo}
Os alunos carregam merendas em lancheiras.
 Classe 2 B – {AGENTE, Objeto Deslocado, Fonte, Meta}
O bebê arrastou o brinquedo do quarto até a sala.

⁵ Construções aplicativas são aquelas em que um afixo é atrelado ao verbo, permitindo o aparecimento de um sintagma nominal no VP - o qual possui um dos diferentes papéis temáticos -, em adição àqueles inerentemente selecionados pelo verbo (Baker, 1992).

⁶ Ver Burzio (1986) e Levin e Rappaport Hovav (1992).

- Classe 3 A – { AGENTE/OBJETO DESLOCADO, Locativo }
O bandido abandonou o local do crime.
 Classe 3 B – { AGENTE/OBJETO DESLOCADO, Fonte, Meta }
Ela andou de casa até a escola.
 Classe 4 A – { OBJETO DESLOCADO, Locativo }
O carro cruzou a linha de chegada.
 Classe 4 B – { OBJETO DESLOCADO, Fonte, Meta }
O carro correu da largada até a metade da pista.
 Classe 5 – { OBJETO LOCADO, Locativo }
A Bahia fica no nordeste do Brasil.

4. O Papel Temático das Preposições do PB (Berg, 1996 e tese em andamento)

Berg (1996:48), tentando definir a natureza categorial da preposição, estabelece, a priori, a diferença entre categoria Lexical versus categoria Funcional:

(13)

Categorias Funcionais	Categorias Lexicais
1) Representam uma classe fechada	1) Representam uma classe aberta
2) Apresentam uma contribuição semântica de Segunda ordem.	2) Não apresentam uma contribuição semântica de Segunda ordem.
3) Não atribuem papel temático	3) Atribuem papel temático
4) Atribuem/cheçam Caso (Kaso)	4) Atribuem/cheçam Caso (Kaso)

De acordo com o quadro em (13), admitindo com Chomsky (1986) que as preposições são categorias lexicais, elas deveriam apresentar as seguintes propriedades: (1) representar uma classe aberta; (2) apresentar uma contribuição semântica plena; (3) atribuir papel temático e (4) atribuir/cheçar Caso/Kaso. Para as finalidades deste trabalho, nos ateremos apenas nas propriedades (2) e (3), isto é, na contribuição semântica e na atribuição de papel temático das preposições.

De modo geral aceita-se que algumas preposições têm conteúdo semântico e outras não têm (Chomsky, 1986). Há também autores que assumem essa distinção, embora reconheçam que algumas preposições podem ser vazias (*dummy*) em um contexto e não vazias em outro (Grimshaw e Williams, 1993). Já Morera, (1994) e Cunha (1986) admitem vários significados para as preposições.

No que diz respeito à atribuição de papel temático pelas preposições, há na literatura de abordagem gerativa várias propostas. Há autores que admitem que:

- a.) a preposição *atribui* papel temático ao NP (Chomsky, 1986);
- b.) a preposição *transmite* papel temático ao NP (Marantz, 1984);

c.) a preposição *não atribui* papel temático ao NP e que admitem a existência de preposições “dummy”, pois, indiretamente eles admitem que essas preposições (dummy) não atribuem papel temático (Chomsky, 1986; Williams e Grimshaw, 1993).

Como podemos constatar, nem a significação semântica, nem a atribuição de papéis temáticos da preposição são consensuais. Isso levanta alguns problemas:

- (a) Que tipo de contribuição semântica a preposição realmente oferece?
- (b) As preposições “vazias” e “não vazias” pertencem todas à mesma categoria, isto é, são preposições propriamente ditas?
- (c) Qual o papel da preposição com relação à noção de papel temático?

Portanto, o objetivo geral deste trabalho será tentar elucidar algumas dessas questões levantadas acima, à luz da Teoria Generalizada dos Papéis Temáticos. Essa escolha se deve ao fato de ser essa uma teoria que assume a preposição como um atribuidor de papel temático, como já foi explicitado anteriormente. Essa escolha também é interessante do ponto de vista teórico, pois trará, certamente, algumas contribuições para questões ainda pouco esclarecidas do modelo, como por exemplo:

- a) Uma melhor definição de componencialidade e composicionalidade, visto que essa noção não está muito clara no texto de Franchi (1997).
- b) Segundo Cançado (1995), a diátese e papéis temáticos são noções lingüísticas que dependem, em parte, do léxico atual disponível. O item lexical-predicador contém em sua representação a diátese em que se fixou historicamente para seu uso atual, e que contribui para a estruturação da sentença e para sua interpretação, na medida em que determina um conjunto de argumentos explícitos ou implícitos que devem ser realizados em determinadas posições sintáticas. Acompanhando o raciocínio de Cançado (2000), uma questão interessante, seria elucidar como se expressa no léxico a diátese dos predicadores (itens lexicais preposições) formados por componencialidade. Nos exemplos abaixo:

- (14) O menino está de catapora.
- (15) Eu gosto de bolo.
- (16) Eu vim de Paris.
- (17) A roupa de lã de João é de São Paulo.

Os predicadores complexos *de catapora*, *de bolo*, *de Paris*, *de lã*, *de João*, *de São Paulo* são construídos a partir de dois itens lexicais em que não entra o sentido exclusivo de apenas um deles. Dessa forma, como esses predicadores seriam representados no léxico?

RESUMO: Este artigo apresenta alguns trabalhos desenvolvidos no arcabouço teórico da Teoria Generalizada. Essa teoria trata os papéis temáticos como sendo parte da gramática, assumindo que o sentido pode ser estruturado, sujeito a um tratamento sistemático, compondo assim um módulo autônomo de uma teoria gramatical, assim como a sintaxe.

PALAVRAS-CHAVE: Gramática; Papéis Temáticos; Autonomia; Teoria Generalizada; Hierarquia Temática

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKER, Mark . Thematic conditions on syntactic structures: evidence from locative applicatives. In: ROCA, I. M. (ed.). *Thematic structure: its role in grammar*. Berlin: Foris, p. 23-46, 1992.
- BERG, Márcia Barreto. A Natureza Categorial da Preposição. Belo Horizonte: Dissertação de Mestrado, UFMG, 1996.
- BORBA, F.S. e outros. *Dicionário Gramatical de Verbos do Português Contemporâneo do Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1990.
- CANÇADO, M. Verbos Psicológicos: A Relevância dos Papéis Temáticos Vistos sob a Ótica de uma Semântica Representacional. Campinas: Tese de doutorado. IEL/ UNICAMP, 1995.
- _____. O Papel do Léxico em uma Teoria de Papéis Temáticos. *D.E.L.T.A.* 16:2, p. 297-321, 2000
- _____. Os Papéis Temáticos. A sair em Tópicos de Semântica. Orgs.: Ana Müller, Esmeralda Negrão, e Maria José Foltran, USP. Manuscrito, 2000.
- CHIERCHIA, Genaro. Structured Meanings. IN: Chierchia, Hall-Partee e Turner (eds): Chierchia, Partee e Turner (eds.)(1989). *Properties, Types and Meaning*. Studies in Linguistic and Philosophy, 2: Semantic Issues. Dordrecht: Kluwer. p. 131-166, 1989.
- CHOMSKY, Noam. Knowledge of Language: Its Nature, Origin and Use. New York: Praeger Publishers, 1986.
- CUNHA, Celso Ferreira da. Gramática da Língua Portuguesa. 11 ed. Rio de Janeiro: FAE, 1986.
- DOWTY, D. On the Semantic Content of the Notion of Thematic Role. IN: Chierchia, Partee e Turner (eds.), p. 69-129, 1989.
- FRANCHI, C. Hipóteses para uma Teoria Funcional da Linguagem. Tese de doutorado. Campinas: IEL/UNICAMP, 1975.
- _____. Predicação. Manuscrito, USP/UNICAMP, 1997.
- GRIMSHAW, Jane e Williams Edwin. Nominalization and Predicative Prepositional Phrases. In: *Semantic and The Lexicon*. Dordrecht, J. Pustejovsky, p. 97-105, 1993.
- JACKENDOFF, Ray. *Semantic Structures*. Cambridge (MA): MIT Press. 1990.
- LEVIN, B. e RAPPAPORT HOVAV, M. The lexical semantics of verbs of motion: the perspective from unaccusativity. In: ROCA, I. M. (ed.). *Thematic structure: its role in grammar*. Berlin: Foris, p. 247-269. (Linguistic Models 16), 1992.
- MARANTZ, A . *On The Nature of Grammatical Relations*. Cambridge: Mass., Mit Press, 1984.
- MOREIRA, C. B. Princípio de ligação entre sintaxe e semântica: construções estativas. Belo Horizonte: Dissertação de Mestrado. UFMG, 2000.
- MORERA, Marcial. *La Función Sintáctica "Régimen Preposicional"*. *Lingüística Española Actual*, XVI/2, 1994.
- WHITAKER-FRANCHI, Regina. As Construções Ergativas: Um Estudo Sintático e Semântico. Tese de Mestrado. IEL: Unicamp, 1989.